

Elias

Elias Resende era uma criança bela. Os pais, engenheiros, davam-lhe o carinho que podiam, brinquedos, passeios, alimentavam-no, vivia feliz, porque isso pode acontecer, durante a Infância. Ele e a irmã, claro. Gostava dela, tudo lhe parecia um conto. Foi crescendo, com as vivências próprias de todos os que cresceram como ele, em Tavira, com dinheiro, nome de família, posição social. Depois, partiu para a capital, foi estudar Economia. Por lá andou, os anos necessários, até que terminou a licenciatura. Como de costume, a sorte estava com ele. A Guerra acabara, mesmo a tempo de não precisar de ir para a tropa, que abominava e assim arranjou depressa um bom emprego. Ganhava bem, divertia-se, a família estava fixe. Casou. Tinha conhecido a mulher numa das muitas festas a que ia. Ela era como ele: não bebia nem fumava, nem cigarros nem charros, muito menos snifava, tudo bem! Tiveram dois filhos, o conto de fadas continuava, um “casalinho”, uma menina e um menino, tudo certinho. Visitava os pais regularmente, no Algarve. Estavam a ficar velhos mas eram alegres e adoravam os netos. Um dia o mundo desabou! A mulher e os filhos, a caminho de casa, morreram num dos incontáveis acidentes rodoviários de Portugal. Eram só mais 3, para todos os outros, uma notícia de 2 minutos num telejornal. Mas para ele, como aprendera muitos anos antes, em Filosofia, no Liceu, para ele, como dissera Protágoras e esclarecera um professor, “cada homem é a medida de todas as coisas.” Cada homem, não “o homem”. Para ele não eram 3 pessoas, não eram 2 minutos num telejornal, 2222 caracteres numa notícia impressa, para ele, era o Mundo, o Cosmos, o Universo que desabara, tornando-se o Caos. “O Caos e o Cosmos são irmãos gémeos”, dizia-lhe agora o preto que o amava e controlava. Estava-se nas tintas para a opinião

que tinham deste homem todos os outros, os pais, a irmã, os amigos. “Amar é ser controlado, sabias?”, insistia o preto, era um belo homem, confiava nele, dava-lhe tudo, o seu tempo, o seu dinheiro, a sua confiança, o seu corpo. Ele era o seu “Novo Mundo”, era o que teria sido para outros, perdidos no tempo das caravelas, a América, baptizada ao acaso por Américo Vespúcio, mas que lhe interessava agora isso, do acaso ou da fatalidade, do Caos ou do Cosmos? Interessava-lhe apenas o que dizia aquele homem negro, o que ele lhe fazia, mexendo no mais profundo do seu ser, com palavras, gestos, ritos, gritos, poesia, fantasia, sexo, interessava-lhe entregar-se a ele. Dele sabia apenas que era o seu proprietário, o seu Mestre, chamava-se Xicuembo, dera-lhe de novo a Felicidade!

Carlos Mota